

## Com a palavra, os irmãos!<sup>1</sup>

*Karina Biondi, UFSCar/SP*

RESUMO: Nos últimos anos, três fenômenos distintos puderam ser notados nas periferias de São Paulo: a expansão das igrejas evangélicas, a consolidação da atuação do Primeiro Comando da Capital (PCC), o crescimento do movimento hip hop, particularmente, do rap como expressão da vida suburbana. Um traço comum marca esses três fenômenos, que têm nos irmãos seus principais participantes: a valorização da força da palavra, em detrimento à força física. Contudo, esse traço não está limitado a esses fenômenos, mas se infiltrou nas mais triviais relações travadas pela população local, perpassando o cotidiano das periferias e produzindo, nelas, importantes transformações. Muitos dos conflitos que, anteriormente, eram resolvidos na mão (por meio da força física), na faca ou na bala (de armas de fogo) hoje são solucionados por meio de conversas, argumentações, debates. Essa mudança produziu efeitos que podem ser percebidos em diversos âmbitos da vida da população local. Nessa apresentação, descreverei situações que evidenciam essa mudança, privilegiando a importância da palavra na relação que os irmãos do PCC estabelecem com a população local. Dessa forma, pretendo mostrar como traços de um fenômeno acabam sendo capturados por outro, que lhe oferece uma nova conjugação, e como traços comuns a três fenômenos tão distintos podem desprender-se deles para percorrer as capilaridades das relações de toda uma população.

Palavras-chave: Crime, periferia, palavra.

### **Introdução**

Este texto traz algumas reflexões acionadas por minha pesquisa de doutorado, que tem como tema a experiência política ativada pelo Primeiro Comando da Capital (PCC) em espaços extra-prisionais. O PCC é uma coletividade originada em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

estabelecimentos penais paulistas, mas que transbordou os muros das prisões para cobrir os territórios urbanos do Estado de São Paulo territórios urbanos do Estado de São Paulo. Outras pesquisas que abordaram a atuação do PCC nas *ruas*<sup>2</sup>, como as desenvolvidas por Feltran (2008) e Hirata (2010), apresentam algumas transformações pelas quais passaram bairros periféricos de São Paulo nos últimos anos. Esses pesquisadores, apesar de não terem como foco o *Comando*<sup>3</sup>, enxergam suas radiações tão impregnadas em seus objetos que torna-se inviável deixar de abordá-lo, ainda mais porque as transformações relatadas são concomitantes ao aparecimento do PCC. Como procurei descrever em pesquisa anterior (Biondi, 2010), o PCC não se limita a um conjunto de pessoas e não se restringe a territórios específicos. De outro modo, ele não consiste na soma de seus membros e também não está confinado a redutos. É isso que tornou possível que as pesquisas acima mencionadas pudessem abordar o PCC com relativa centralidade mesmo sem tê-lo como objeto de pesquisa.

Minha pesquisa de doutorado propõe direcionar o olhar para o centro dessa irradiação, focar o PCC para procurar descrever como se dá o seu funcionamento nas *quebradas*<sup>4</sup>. Ao invés de abordar como a *comunidade*<sup>5</sup> é atravessada pelo *Comando* ou o PCC que se manifesta para ela, venho buscando descrever como a *quebrada* atravessa o PCC e como se dá sua produção e operação nesses lugares. Essa perspectiva, longe de isolar o PCC de seu contexto, permite perceber fenômenos que não se restringem ao *Comando*, que não têm nele nem seu ponto de partida e nem o de chegada, mas que o atravessam ao mesmo tempo em que são ativados, produzidos e acionados por ele. Nesse sentido, esses fenômenos também não se limitam ao PCC e permeiam a *comunidade* impregnados (também) pelo modo como o *Comando* incide sobre eles.

Assim ocorre com a centralidade que a força da palavra vem ganhando nas periferias paulistas. Muitos dos conflitos que, anteriormente, eram resolvidos *na mão* (por meio da força física), *na faca* ou *na bala* (de armas de fogo) hoje são solucionados por meio de conversas, argumentações, *debates*. Essa mudança produziu efeitos que podem ser percebidos em diversos âmbitos da vida da população local e são até

---

<sup>2</sup> As palavras grafadas em itálico correspondem a expressões utilizadas por meus interlocutores. *Ruas*, nesse caso, refere-se a todo o espaço extra-prisional.

<sup>3</sup> O PCC é também chamado, por seus participantes, de *Comando*, *Partido*, *Família*, *Quinze* (em alusão ao número 15.3.3., que corresponde à posição no alfabeto das letras PCC).

<sup>4</sup> Local de moradia ou de atuação, atual ou passada, com o qual se estabelece uma relação afetiva. Pode ser uma região, um bairro ou parte dele.

<sup>5</sup> *Comunidade* é a forma como meus interlocutores se referem aos moradores da *quebrada*.

registrados nas estatísticas que apontaram queda no número de homicídios no Estado de São Paulo. Neste texto, apresentarei situações que evidenciam essa mudança, privilegiando o modo como se opera a importância da palavra pelos *irmãos* do PCC e pela *comunidade*.

### Algumas cenas

Estava em um salão de beleza, acompanhando Sônia, uma interlocutora que, embora não seja mais *do crime*, ainda transita bastante pelo *crime*<sup>6</sup>. Na TV, passava um show de música gospel transmitido pela Rede Globo. Uma moça que cuidava de seus cabelos, em um determinado momento, pediu para aumentar o som da TV. Gostava muito daquela música. Quem interpretava era uma famosa cantora gospel. Sônia comentou:

- Olha só que bonito! Quantos jovens! E você não vê ninguém brigando, ninguém bebendo, nem usando drogas. Todos estão cantando junto com ela. E cantam com o coração. E olha a postura dela! Não precisa rebolar... Nem olha pra plateia... Canta pra Deus e todo mundo canta com ela.

Ficamos admirando a cena narrada por Sônia, que continuou:

- E é a Rede Globo que está passando, heim? Olha só, o Serginho Groisman apresentando! Já ganharam a mídia! Já ganharam a mídia! Que bonito! Quanto jovem em louvor! Sem drogas, sem bebida... Olha quanta gente! E você vai ver, não vai ter nenhuma briga ali.

Na semana seguinte, peguei carona no carro de um *irmão*, que ouvia música gospel em um volume bem alto, cantando junto enquanto guiava em velocidade bem acima à permitida para a via. Em determinada passagem, ele parou a música e disse: “presta atenção no que ele vai dizer!”. Acompanhou, então, o cantor com empolgação. Parou novamente o som, repetiu suas palavras, lembrou do período em que esteve preso e disse, batendo forte no volante: “Amém! E não é assim? Não é assim mesmo?”.

A proximidade com religiões evangélicas proporcionada pela experiência prisional muitas vezes é mantida pelos *irmãos* quando em liberdade. Outro *irmão* que conheci contou-me que frequenta os cultos da igreja toda semana. Diante da minha

---

<sup>6</sup> Me refiro aqui a *crime* como meus interlocutores o entendem, que não corresponde à classificações do Código Penal. Marques (2009) elabora essa distinção e examina pormenorizadamente o *crime* o qual me refiro.

surpresa (Você vai aos cultos?”), ele respondeu: “Claro! Não pode lembrar de Deus só quando tá preso, né?”

De fato, é impossível não se lembrar de Deus quando se está no lugar onde os *irmãos* de outra *quebrada* onde faço pesquisa *dão atendimento*. O local onde ficam disponíveis para atender às demandas da *comunidade* é ao lado de uma pequena igreja evangélica que realiza cultos ao som de música ao vivo em volume bastante alto. Na saída dos cultos, o trânsito de irmãos da igreja se mistura ao dos *irmãos* do PCC e, eventualmente, ao trânsito dos irmãos do rap, que pode ser notado um pouco por toda parte das *quebradas* em que pesquiso.

Todos esses acontecimentos chamaram minha atenção para a presença das igrejas evangélicas não só nas *quebradas*, mas também na vida dos meus interlocutores. Entretanto, o acontecimento que mais ecoou na minha pesquisa para pensar nessa relação não contou com nenhuma referência às igrejas. Ele chamou atenção por outros motivos, que pretendo deixar claros adiante, mas que são capazes de condensar percepções que estavam pulverizadas em meu trabalho de campo.

## **A briga**

Era o primeiro dia de pesquisa de campo naquela *quebrada*. Em companhia de Beatriz, uma interlocutora antiga, fui procurar alguns *irmãos* que pudessem dar o *aval* para eu desenvolver pesquisa ali. Depois de saber que eles não estavam *dando atendimento* e que estavam todos jogando futebol, voltei à casa de Beatriz, onde passamos a conversar sobre o *crime* local. Em certo momento, começamos a ouvir pessoas brigando. O som vinha do um bar da frente. Era dia de clássico no futebol e muita gente se reuniu naquele bar para assistir. Saímos para ver o que estava acontecendo. Dois homens exaltados estavam sendo separados por outros que, ao separá-los, acabavam se envolvendo na confusão. Mais pessoas apareciam para apartar. Não que os que passavam a se envolver na confusão desferiam golpes nos outros, mas se enfrentavam violentamente por meio de palavras. Vários ânimos exaltados, regados a muito álcool. A confusão, com mais homens tentando separar do que homens querendo brigar, só aumentava. Os dois que haviam começado a *se estranhar* ainda eram os mais exaltados. Vez ou outra, eram levados para mais longe um do outro. Um homem apertou o pescoço de um rapaz com o braço, dando-lhe uma *gravata*. Outros se

revoltaram e se interpuseram para separar. Já eram vários focos de confusão, ainda que atos de violência física fossem escassos. Logo, aqueles dois que haviam iniciado tudo aquilo pareciam querer fazer as pazes, mas isso não durava nem a troca de duas palavras. Já *se estranhavam* e partiam um para cima do outro, para agredir o adversário. Imediatamente, outros entravam no meio e evitavam que se golpeassem. Em alguns minutos, a confusão já tomava conta de duas quadras e envolvia por volta de 70 pessoas.

Depois de 40 minutos, com o agravamento da confusão, um homem efetuou disparos para o alto com uma arma de fogo. Atirou três vezes. Corri para dentro da casa, com medo de ser atingida por bala perdida. Mas a curiosidade falou mais alto e voltei à calçada, para ver o desenrolar da briga. Em poucos segundos, tudo parecia ter piorado; os ânimos estavam ainda mais exaltados. O homem que havia feito os disparos foi imobilizado por outros, que agrediram-no. Nesse momento, Beatriz pegou seu rádio de comunicação e gritou com os *irmãos*: "irmão, o bagulho tá doido! Tão soltando tiro aqui e vocês jogando bola?! Vou ter que chegar nos caras da capital?". Enquanto isso, um homem tentou chutar outro, caiu e levou vários chutes de outros rapazes. Vários outros intervieram e conseguiram tirá-lo de lá. Muitas pessoas estavam revoltadas com o atirador.

Depois de cerca de cinco minutos do pedido de socorro de Beatriz, os *irmãos* chegaram em um carro. "Eles chegaram, graças à Deus!" – exclamou Beatriz, que foi ao encontro deles, trocou algumas poucas palavras e se afastou. Em meio a toda aquela confusão, com alguns homens dispostos a brigar, muitos outros separando, mulheres gritando, os *irmãos* pareciam não saber o que fazer. Andavam de um lado para outro e o que me parecia (e que foi confirmado depois por Beatriz) é que ninguém os conhecia (eles eram novos ali; haviam vindo de São Paulo fazia pouco tempo). Em suma, a presença deles foi absolutamente ignorada por aquelas pessoas. Pararam na calçada, um ao lado do outro, e observaram a confusão. Incitados por Beatriz ("vocês vão ficar aí parados vendo a briga?"), conversaram rapidamente entre eles (a troca de ideias é feita muito rapidamente, com *poucas palavras*) e foram ao encontro de um dos homens envolvidos na confusão:

- O que tá acontecendo? Vamo parar com essa briga... – disse um dos *irmãos*.
- Quem é você, que nem sabe o que tá acontecendo, que chega todo malandrão mandando parar a briga? – perguntou o homem, nitidamente irritado com a abordagem do *irmão*.

- Aqui é o PCC! – disse o *irmão*.
- Opa, irmão! Veja bem... O maluco ali tava atirando... Isso não pode... E se pega em alguma criança, ou naquela senhora? – indagou o homem, já não mais contrariado com a abordagem, mas em tom de respeito, apontando para uma senhora com idade bastante avançada.
- E se pega na Beatriz ou no filho dela? Imaginou? Vocês estão loucos?

Nesse momento os *irmãos* passaram a ser cercados por várias pessoas, cada uma querendo contar sua parte da história sobre a briga. Todos falavam ao mesmo tempo, mas foi possível notar que a maior parte das queixas era sobre o homem que havia disparado os tiros. Tudo aconteceu como se, de repente, todos passassem a saber que eles eram *irmãos*. Imediatamente a briga cessou. Os *irmãos* conversaram com alguns garotos que presenciaram a briga. Soube, depois, que eram funcionários de uma *biqueira* e que poderiam ser testemunhas no *debate* que marcaram para dia seguinte a fim de apurar as circunstâncias daquela confusão e, eventualmente, definir as *cobranças* que seriam feitas aos envolvidos. Naquele momento, não marcaram nem hora, nem lugar, nem disseram quem participaria. Isso seria definido oportunamente, pois cada *debate* é realizado em um lugar diferente. Os envolvidos seriam chamados. Quando perguntei como eles saberiam quem chamar, me responderam que os garotos das *biqueiras* viram tudo e diriam aos *irmãos* quem foram os envolvidos.

Os *irmãos* já iam embora quando Beatriz os deteve:

- Onde vocês vão? Tô faz um tempão chamando vocês! Preciso falar com vocês. Entra aqui um pouquinho... Essa aqui é a Karina, minha amiga, escritora, que escreveu esse livro [que resultou de minha dissertação de mestrado], sobre o Comando. Agora quer escrever outro livro sobre o Comando na rua.

O *irmão* pegou o livro na mão e ficou olhando. Beatriz comentou: “você tem que ler, porque o livro é da hora”. Aproveitei para falar da minha pesquisa de doutorado:

- E agora eu quero escrever sobre o Comando do lado de fora das cadeias. Quero falar sobre como ele pacificou as quebradas, por exemplo, sobre assuntos como o que aconteceu hoje. Veja só: a briga rolando solta e vocês em um minuto resolveram a situação!
- É isso mesmo! Pode pá! – disse o irmão.

Foi dado o *aval*, na importância conferida às *poucas palavras*. Se em outra fase da pesquisa eu vacilei por meses até entender que a autorização, junto ao PCC, não requer nenhum protocolo mais elaborado ou consultas a instâncias superiores, agora sei. *Aval* de irmão é dado assim: “Isso mesmo”, “Fechô”, “Pode pá”. Pois não há instâncias

hierárquicas que possam invalidar a palavra do *irmão*. Ele, ali, é o PCC. E, por conseguinte, o PCC fala por meio dele.

### **O valor da palavra**

A briga que envolveu cerca de setenta pessoas e durou quase uma hora não se efetivou tanto pela troca de golpes ou pelo uso da força física. Eles apareciam de forma muito escassa e imediatamente acionavam muitas mobilizações contrárias. A maior parte da confusão se deu com as tentativas de impedir o uso da força física e com a revolta mediante sua efetuação. Foram, inclusive, essas reações que fizeram com que a confusão alcançasse a amplitude que teve (70 pessoas, em duas quadras, por uma hora). Essas reações tomaram uma proporção ainda maior diante dos disparos efetuados. Mais pessoas passaram a falar sem parar, repreendendo a ação.

Ainda assim, com tanta gente falando, com tantas palavras sendo acionadas contra atitudes que se efetuavam com a força física (ou potencialmente letal, das armas), foi preciso chamar os *irmãos*, na esperança de que eles dessem fim à confusão e evitassem o desencadeamento de ações fisicamente violentas.

A chegada dos *irmãos*, que passaram despercebidos, evidencia uma das características do PCC: sua discrição. De acordo com a pesquisa que venho realizando, a ostentação da condição de *irmão* não é bem vista entre eles e isso tem como resultado que a maior parte da população local não sabe ao certo quem é e quem não é *irmão*. A discrição é tamanha que muitas vezes os moradores das *quebradas* se queixam de não saber a quem recorrer quando precisam. Mas, quando o *irmão* se faz aparecer enquanto tal de maneira ostensiva, essa atitude é desaprovada. Afinal, se no PCC “ninguém é mais do que ninguém”, a *comunidade* também opera essa máxima. Nesse sentido, marcar essa diferença pode ser visto como uma maneira de querer se sobressair aos outros.

É com a palavra, portanto, que o *irmão*, sempre *na humildade* que lhe for possível, vai pontuar sua condição: “Aqui é o PCC!”. As palavras o fizeram visíveis em sua condição e, com isso, fizeram aparecer, para as pessoas que estavam envolvidas naquela briga, alguém capaz de colocar fim àquilo. Mais do que alguém, fizeram aparecer o PCC. Os *irmãos* aparecem, portanto, o meio pelo qual o PCC fala. São portadores de suas *ideias* e transmitem-nas por meio das palavras. Com efeito, com

*poucas palavras* (uma prática reiterada entre os *irmãos*), sem ameaças, sem o uso de violência física, eles foram, de fato, capazes de parar a briga.

O uso das palavras, para eles, parece ter tamanha importância que na maioria das situações dispensa o uso de armamentos. Mais do que isso, dispensa argumentações extensas e prolongadas. A dinâmica das *poucas palavras* exige que elas sejam certas (e, portanto, muito elaboradas), pois é grande a responsabilidade dos *irmãos* com relação a elas (afinal, é o PCC que fala por meio deles). É isso que viabiliza um *aval* dado de forma tão imediata. Por outro lado, embora as palavras tenham também importância entre a *comunidade*, a responsabilidade que se tem com elas não é a mesma e, nesse sentido, a precisão não é tão requisitada. Ao contrário do *poucas palavras*, a *comunidade* fala bastante sem, contudo, alcançar o resultado que os *irmãos* alcançam. Pois a *comunidade* mantém sua multiplicidade constituinte, na qual cada um expressa sua diferença com relação aos demais, ao contrário do *irmão*, que, ali, é o PCC.

Ainda assim, a centralidade da palavra estava presente naquela briga mesmo antes da chegada dos *irmãos*, evidenciada tanto na tentativa de diálogo quanto na revolta diante dos disparos.

Não é possível afirmar que essa centralidade ganhou espaço nas *quebradas* por conta do valor que o *crime* confere às palavras, nem que sua valorização pelo *crime* veio das igrejas e nem mesmo que foi o rap o responsável por essa disseminação. Todos esses três fenômenos (as igrejas evangélicas, o rap e o PCC) tiveram uma grande expansão nos últimos anos e são constituintes dos contornos que as periferias possuem atualmente. Trata-se de processos que se intercalam, que se conectam, não sem encontrar resistências, tensões e exprimir diferenças, mas que se misturaram para compor, nas *quebradas*, uma conjuntura singular.

Um não é anterior ao outro, o que faz com que um reaja diante de uma variação do outro. Exemplo disso é o *debate* que ocorreu no dia seguinte à briga relatada acima e que ofuscou a gravidade do que acontecera. De acordo com Beatriz, uma presa de uma delegacia próxima telefonou pra ela e pediu ajuda. Seu filho de 15 anos havia sido *sequestrado* e enfrentaria um *debate* que poderia culminar na perda de sua vida. Pediu para que Beatriz o defendesse como se fosse sua própria mãe. Ela foi e viu o garoto muito machucado. Ele apanhara bastante. A acusação lançada contra ele era de ter atirado contra uma *biqueira* (ponto de venda de drogas ilícitas) de um *irmão*. Um

*funcionário da biqueira* fora baleado. Avaliaram que, como a intenção fora a de matar, a *cobrança* seria feita com a vida dele.

Ao pedir maiores explicações aos *irmãos* que participavam do *debate*, Beatriz soube que o garoto fora visto conversando com outros em uma rua perto de onde morava. De noite, um dos rapazes com quem conversava atirou contra a *biqueira*. Acusavam-no de estar junto com o rapaz. Diante disso, Beatriz disse:

- Mas viram ele atirando? Porque... Vocês não trabalham com provas? Então tem que ter cinco testemunhas, ou foto, ou filme. Alguém viu ele atirando? Ninguém, não é? E como vocês podem dizer que foi ele, só porque viram ele conversando com o outro rapaz? E olha só, é uma criança! Pra mim, quinze anos é criança. Olha só o que ele apanhou! Vocês não acham que se ele soubesse de alguma coisa, ele não teria falado? Olha só o que vocês fizeram com ele! Tá todo machucado... Quem aguenta isso sem falar? Ainda mais uma criança de 15 anos! Vocês acham que se ele soubesse, não tinha falado? É claro que ele não sabe!

Beatriz me explicou seu procedimento nos debates: “Sabe, Karina, eu só pego as brechas. Pego as brechas e vou trabalhando.” Ela é muito hábil em suas palavras. Possui uma longa vivência no *crime* e está habituada a lidar com situações como essa. As brechas com as quais afirmou trabalhar são brechas encontradas nos discursos com os quais se depara. E o trabalho que realiza em cima delas consiste também em, com palavras, desmontar o discurso do outro a fim de fazer o seu prevalecer.

Ela venceu o *debate*. Decidiram preservar a vida do garoto. Então, ela disse aos *irmãos* presentes:

- Viu só por que o Comando anda tão desacreditado na quebrada? Por que ninguém mais respeita o Comando? Porque vocês fazem esse tipo de coisa. Agem na emoção. Olha só o que fizeram com o garoto e nem prova tinha! Tinha que ter feito isso? Não precisava... Tinha que debater antes.

Com isso, Beatriz chamou a atenção dos *irmãos* para o risco que correm, de fazerem o PCC ficar “desacreditado na quebrada”, ao fazerem a força física prevalecer à da palavra. Pois o respeito que recebem da *comunidade* não provém da força bruta, mas da força que sua palavra possui. Os *irmãos*, seja do PCC, do rap ou da igreja, são portadores da palavra e, por conseguinte, têm uma responsabilidade maior com relação ao que dizem ao mesmo tempo em que suas palavras possuem efeitos mais imediatos.

Neste texto, procurei expor alguns de meus dados etnográficos para indicar como a forma de operação da palavra pelo PCC é coerente com as práticas que

passaram a vigorar nas periferias nos últimos anos, mas também como a sua permanência nas *quebradas* está atrelado à essa forma.

### **Referências Bibliográficas**

- BIONDI, Karina. 2010. *Junto e Misturado: uma etnografia do PCC*. São Paulo: Terceiro Nome.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. 2008. *Fronteiras de tensão: Um estudo sobre política e violência nas periferias de São Paulo*. Campinas: Tese de Doutorado em Ciências Sociais, UNICAMP.
- HIRATA, Daniel Veloso. 2010. *Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida*. Tese de doutorado em Sociologia. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.
- MARQUES, Adalton. 2009. *Crime, proceder, convívio-seguro – Um experimento antropológico a partir de relações entre ladrões*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo.